

A Voz do Papa

MENSAGEM DE NATAL *

«Nós, Paulo, servo dos servos de Deus, Bispo de Roma e Pastor da Igreja Católica, Investido da missão de pregar o Evangelho da salvação e da paz a todos os povos, queremos anunciar-lhes, também para este ano de 1968, que está a chegar ao fim, e para o que vai começar, 1969, o nascimento de Jesus, chamado Cristo (Mt. 1,16), Nosso Senhor (Ad Rom. 1,4).

«Na nossa débil voz soa o eco da voz dos séculos. Porque há já séculos que esta comunicação se repete e sempre, na sua mensagem autêntica ou confundida com o seu eco, chega até nós, como uma nova notícia, a boa nova para a humanidade. O relógio do tempo, todos os anos, a esta hora dulcíssima, assinala um momento que parece uma surpresa, pleno de sentido, de interesse e de esperança.

«É realmente um momento feliz. É um momento profundamente humano. É um momento misteriosamente sagrado. Um momento que toca intimamente a nossa vida na sua consciência, na sua essência, no seu destino. Neste momento desfilam ante os nossos olhos os valores primordiais e concretos da vida: a infância, a família, a casa, a mesa, o descanso, a serenidade, a compaixão, o amor. É assim o Natal.

«Irmãos, filhos e todos os que nos escutam, convidamo-los a regozijarem-se connosco. A nossa alegria é a mais verdadeira e a maior de todas. O «porquê» da vinda de Cristo é a nossa salvação. Nenhum acontecimento nos afecta tão directamente como o Natal. Afirmamo-lo sempre que, durante a Santa Missa, rezamos o «Credo»:

«Propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelis. (Por nós, homens, e pela nossa salvação desceu do Céu).

«Por isto somos felizes ao repetir hoje ao mundo a anunciação do Natal, como mensagem de esperança: Cristo é a verdadeira, a suma esperança da humanidade.

«Não é difícil observar como a esperança é operante no nosso tempo, até caracterizar os seus aspectos mais salientes. Hoje tudo evolui e se transforma com o sinal e com a força da esperança.

«Não será a esperança o impulso do dinamismo moderno? Não será a esperança a raiz que alimenta a imensa actividade do Mundo, orientado para a transformação e para o progresso? Não será a esperança a atracção apocalíptica por um futuro ainda por conquistar e por um humanismo novo, que deveria ir além dos limites da concepção tradicional dos costumes sociais?

«Ninguém se contenta já com o que existe actualmente. Dantes a experiência dos anciãos servia de garantia para as normas vigentes ou desejáveis. Agora, repudiam-se essas normas pelo simples facto de constituírem herança do passado e

* Transcrevemos esta tradução não oficial do jornal *Novidades* de 21-12-68.

prefere-se rejeitá-las, em vez de as conservar, e renová-las com a cega esperança de que as novas sejam, por si só, fecundas em progresso humano.

«Não se acredita já nos valores estáveis da fé, da cultura, das instituições e olha-se o futuro, não sob um aspecto cronológico, coerente com uma tradição em vias de desenvolvimento orgânico, mas sim sob um aspecto rebelde, imprevisível e indefinível, com a confiança quase fatalista e messiânica de uma renovação radical e geral e de uma felicidade finalmente livre e completa.

«Dois factores contribuíram para a criação desta tensão de esperança: a descoberta da possibilidade, cada vez mais ampla, de conquistas imprevisíveis, através da exploração científica e do domínio técnico da Natureza, e a verificação das condições de necessidade em que se encontra, apesar de tudo e sob tantos aspectos, a maior parte da humanidade. E, assim, esta dupla descoberta tem despertado desejos novos e imensos no coração humano — ou seja: a esperança de empregar a riqueza dos meios conquistados no combate aos males da fome, da miséria, da ignorância, da precaridade, da insuficiência de que continua a ser vítima o homem do nosso século.

«Estamos na época da esperança.

«Contudo, trata-se da esperança no reino da Terra, a esperança na suficiência humana.

«E, precisamente nos nossos dias, tal esperança está a atravessar uma gravíssima crise.

«Um fenómeno grandioso e complexo delinea-se ante os olhos espavoridos do homem contemporâneo. O próprio bem-estar, que a inteligente e fatigante actividade humana vai criando, converte-se facilmente em fonte de novas necessidades e, por vezes, converte-se em algo mais grave — esse progresso cria, em certos campos, perigos enormes e espantosos para toda a humanidade. O emprego que o homem moderno pode dar às forças mortíferas de que se fez dono faz pairar no horizonte, não já a esperança, mas sim nuvens carregadas de terror e de loucura. A paz dos povos — ou, para melhor dizer, a existência dos homens sobre a Terra — está em perigo. O poder destruidor do homem moderno é incalculável e a fatal probabilidade de que tal poder sirva para devastar a cidade humana depende de causas trágicamente livres, que nem a ciência pode dominar. Acontece então que, à nossa esperança, se segue a angústia.»

«Desgraçadamente, também por outro caminho, a nossa geração chega a análogo resultado. O homem de hoje verificou que toda a construção do sistema económico e social, que laboriosamente está construindo com soberbos resultados práticos, ameaça converter-se na sua prisão e privá-lo da sua personalidade, tornando-o semelhante a um instrumento mecânico da grande máquina produtora que, ao mesmo tempo que oferece numerosas e maravilhosas melhorias externas, o sujeita a um aparelho dominador, que deixa a sociedade plena de bem-estar material, satisfeita e folgada, mas quase surda ao gemido dos pobres, vizinhos ou de longe, mas que também se chamam homens e que também são irmãos. Os olhos dos jovens, em especial, normalmente de visão clara e profética, ficaram obscurecidos pela falta do ensinamento dos princípios absolutos e pela difusão sistemática da dúvida e do agnosticismo. De certo modo, a contestação está na moda, com tendência para degenerar em revolução, em violência, em anarquia. Também neste campo social e ideal a esperança humana se degrada e se extingue.

«É com dor que vemos que, por causa destes irreflectidos desvios colectivos, se perdem valores históricos, culturais, morais, sem dúvida válidos e dignos, em prejuízo de toda a comunidade. Vemos com mágoa como tantos homens, são e honestos, assim como mestres prudentes e admirados e homens responsáveis pelo bem-estar público, não encontram em si mesmos energias para defender e fazer reviver genialmente um património de civilização, ganho com imensos sacrifícios e aberto ao usufruto comum, e para proteger a sociedade, especialmente as gerações futuras, das consequências de inúteis e ruinosas destruições materiais e morais. E é também com angústia que vemos que, frequentemente, o suposto remédio para estas desordens, reais ou receadas, não passa do recurso a uma dura repressão da liberdade legítima, ou à suspensão geral dos direitos cívicos, ou ainda à ignorância das importantes necessidades da gente pobre. Também aqui, a esperança está perdida.

«Esta mensagem poderia continuar, dirigindo-se à vida internacional: debilita-se hoje a esperança da paz?

«E poderia chegar ao fundo de tantos espíritos representativos da cultura moderna: talvez nunca, como nos nossos dias, a literatura, os espectáculos, a arte, o pensamento filosófico foram testemunhos tão desapiedados das deficiências do homem, da sua debilidade mental, da sua sensualidade dominante, da sua hipocrisia moral, da sua delinquência fácil, da sua crueldade inata, da sua possível abjecção, da sua personalidade inconsistente. E toda esta complacente acusação se baseou num terrível e aparentemente indiscutível argumento: isto é o homem. Assim é o grande e miserável filho do século. Esta é a verdadeira realidade da vida.

«E então, onde está, homem, irmão, a tua esperança?

«Se propomos à vossa reflexão, queridos ouvintes, um tema tão complexo e tão vasto e, digamos também, tão real, não o fazemos certamente para turvar com sinistros e desconsoladores pensamentos a serena festa do Natal. Fazemo-lo, pelo contrário, para fazermos compreender e apreciar melhor a feliz mensagem de esperança que o Natal traz consigo.

A experiência da condição dramática é, em si, desesperada da vida humana, experiência que o progresso moderno, mais do que suprimir, aprofunda e exaspera frequentemente, deve levar-nos a admitir uma irreprimível necessidade que a humanidade, por forma e em graus diferentes, sempre tem mantido no fundo da sua consciência: a necessidade de ser salva. Sim, temos necessidade de ser salvos.

«Só com as nossas forças não o conseguimos (Cfr. Ad Rom. 6. 15 ss.). O nosso presunçoso afã de nos salvarmos por nós próprios só aumenta, na realidade, a constatação da nossa radical incapacidade. Dizemos mais, autorizados pelo conhecimento do homem e da história: temos necessidade de um salvador, de um Messias. Este homem, Jesus Cristo, é o anúncio da nossa salvação, a promessa em que se fundamenta a nossa esperança. Temos necessidade de Cristo. É preciso que Ele tenha um poder divino, porque nenhum outro poder venceria os nossos males. É preciso que Ele tenha uma fraternidade humana, porque, se não fosse irmão, não o poderíamos entender bem. É São Leão, o Pontífice do Mistério de Cristo, quem diz: «Se Cristo não fosse um verdadeiro Deus, não poderia proporcionar-nos remédio. Se não fosse verdadeiro homem, não nos serviria de exemplo». (Nisi enim esset Deus verus, non afferet remedium. Nisi esset homo verus, non praeberet exemplum. — Serm. XXI, P. L. 54, 192).

«É por isto que o nosso anúncio do Natal, passados quase vinte séculos, conserva a sua actualidade. E dizemos também a sua validade, pela fé que temos nele. Estamos autorizados a fazer nossas as ressoantes palavras do Anjo do Natal: «Traço-vos uma boa nova — é o Evangelho — uma boa notícia de grande alegria para todo o povo — hoje, na cidade de David, nasceu-vos um salvador». (Lc. 2, 10-11).

«E não se trata de um anúncio vão, porque não será vã a esperança que nele pusemos. O Cristo que naquela feliz noite, através da virginal maternidade de Maria, entrou na história e nos destinos da humanidade, continua vivo. Vive na plenitude de uma glória que para nós não tem nome possível nem conceito adequado, na vida celestial. Mas, simultaneamente, vive também aqui, entre nós, renascendo continuamente, como manancial de fonte, no seu corpo místico, que é a Igreja, que difunde ao Mundo a Sua Verdade e a Sua Graça.

«Ele era, diz o evangelista, cheio de graça e de verdade (Jo. I, 14). A Sua Verdade, isto é, a Sua Palavra, que actualiza entre nós o seu pensamento, é para nós mestra da vida, revela-nos quem é Deus, ensina-nos quem é o homem, diz-nos o que devemos fazer e o que devemos amar, faz-nos ver no homem que sofre, mais do que a um irmão, a ele próprio, restitui-nos a liberdade, a dignidade, a esperança do homem ideal, torna-nos capazes de bondade, de justiça e de paz: é a luz do mundo, e, para que tão luminosa e alta palavra não deslumbre os nossos débeis olhos e não oprima nem confunda a nossa inata debilidade, ele corrobora-a com uma ajuda misteriosa e poderosa, a acção do seu espírito. Isto é a Trindade. É a encarnação que, partindo de Cristo, penetra a humanidade, a abala, a desperta, a faz vibrar, a atormenta, a regenera agora no tempo para a conduzir para além do tempo, até à eternidade.

«É uma palingenesia lenta, mas segura. Laboriosa, mas triunfante. Antiga, mas clamorosa de actualidade. É o Cristianismo, que tem a virtude de infundir esperança e de dar vida, e não apenas na sua ordem própria, religiosa e sobrenatural, mas também na ordem profana e natural que, unindo as suas terrenas e, portanto, caducas esperanças à esperança firme descida do Reino dos Céus, não receia já que o seu trabalho seja vão. É o Cristianismo vivo das realidades que Cristo opera entre nós: a cândida e piedosa inocência das crianças, a dor sofrida pelos doentes, o amor são e profundo das famílias, e generosidade desinteressada dos jovens, a paciência humilde e suplicante dos pobres, a fadiga desejosa de maior justiça dos trabalhadores, a caridade silenciosa e operante dos bons, a oração incessante da comunidade dos fiéis. É o Cristianismo vivo da Santa Igreja Católica, realizadora das esperanças eternas e, não menos, confortadora das terrenas, verdadeiramente humanas.

«E nós sentimo-nos ao mesmo tempo tão comovidos e seguros de Ele, amados irmãos e filhos, que, com efusão, do coração lhes renovamos a Sua feliz mensagem e corroboramo-la com a nossa bênção apostólica».

PAULO VI